

REVISTA ESPIRITA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

ESTUDOS PSYCHOLOGICOS

PRIMEIRO ANNO

— N. 3. —

MARÇO DE 1875

A loucura

(Vide Revista de Fevereiro, pag. 41.)

Continuemos o nosso estudo sobre as opiniões dos diversos alienistas, para que possamos ser compreendidos quando tivermos de fazer nossas reflexões sobre a loucura, debaixo do ponto de vista espirita.

Deixámos no artigo primeiro, com o qual encetámos o presente estudo, exaradas as tres questões com que se occupou Pinel quando estudou a loucura; a classificação das especies, a analyse experimental da intelligencia humana, que havemos de completar mais para adiante, e a terceira — tratamento moral — a mais importante para nós, como mais tarde reconhecerá o leitor que nos acompanhar até o fim d'esta nossa ardua e difficil tarefa.

O que Pinel em sua classificação chamou especies — o idiotismo, a demencia, a melancolia, e a mania, Esquirol fez quatro generos, e denominando-os — idiotia, demencia, monomania e mania. Ora, tendo cada um d'esses generos suas especies, resulta ter feito este ultimo alienista discriminações que não se encontra nos trabalhos do primeiro. Verbi-gratia, segundo Esquirol, a idiotia e a imbecilidade são duas especies do genero idiotia; assim como, a monomania triste e a monomania alegre são duas especies do genero monomania, etc., etc.

Pinel em sua obra dá tres exemplos sobre a idiotia. Apresenta o historico de uma joven idiota não reconhecendo as substancias alimenticias, não experimentando prazer nem mesmo

quando se lançava a comida á bocca. Uma outra, nos diz elle, tinha prazer sempre que via aproximar-se o alimento, e demonstrava desgosto quando fingiam retiral-o sem que ella tivesse comido. A terceira pedia comida, e guardava os restos dos alimentos.

Reflectindo sobre estes tres casos vêmos que, a primeira idiota não distinguia cousa alguma; a segunda distinguia; a terceira, além de distinguir, previa.

Não percorrendo todas as variações, todas as gradações que ha de tão triste estado das faculdades, e tendo em vista só o signal caracteristico da manifestação da intelligencia humana — a palavra, Esquirol para nos dois grupos: o imbécil que falla e o idiota que é mudo.

A *idiotia*, no mais baixo gráo, torna o idiota incapaz de pronunciar um monosyllabo se quer; um pouco acima, já o idiota pronuncia, articula algumas palavras ou gritos, ainda um pouco mais acima, pronuncia phrases curtas.

A *imbecilidade* no ponto mais baixo da escala, não priva o imbécil de fallar, e no mais alto gráo torna-o loquaz. Esquirol apresenta um exemplo d'esse genero nos seguintes termos: « . . . Incapaz de prestar attenção, nunca pôde ler com cuidado, nem escrever uma carta por mais curta que fosse, nem tão pouco reter o que lia . . . corria sem destino nos campos; fallava muito, era mesmo tagarella, e sempre fóra do assumpto de que se tratava. Empregava umas palavras por outras. Sempre contente, ria-se sem motivo, algumas vezes ria-se sosinho Com a idade de trinta e sete annos, a sua intelligencia estava abaixo da de uma creança de dez annos, não obstante os cuidados empregados em desenvolvê-la Appreciar-se-ha a elevação de sua intelligencia pela seguinte passagem: o medico ordenou-lhe que todos os dias montasse á cavallo, e todos os dias por espaço de uma hora elle ficava na estrebaria do pai montado em um cavallo, sem attinar que o que se havia ordenado era um passeio; o acaso fez descobrir a maneira pela qual elle executava as ordens do seu medico. Diz Esquirol. « A *idiotia* e a *imbecilidade* differem essencialmente da *dementia*. » Quanto a *idiotia* não é difficil fazer-se apreciação, por isso que ella denota a falta absoluta ou quasi absoluta da intelligencia; porém, traçar a linha divisoria entre a *imbecilidade* e a *dementia* não é facil, posto ella exista. A *imbecilidade* é um gráo da *idiotia* e principia com a vida; entretanto, a *dementia* começa geralmente com a puberdade, assim como a *monomania*, e a *mania*; entretanto, a *imbecilidade* e a *idiotia* não variam, propriamente fallando, não têm co-

meço por isso que apparecem desde o nascimento da creatura humana e proseguem até a terminação da existencia corporea. O mesmo não se dá em a *dementia*, porque n'ella se observa o começo, o crescimento, as intermittencias, e a terminação muitas vezes, quando não é a *dementia senil*. A razão que milita na *imbécilidade* e na *idiotia* é a do vicio original na conformação do cerebro, facto que nada tem de semelhante quanto á *dementia*. Admittindo mesmo que haja lesão no *modo* intellectual, o que se deduz de Esquirol é que esse *modo* lesado não é o mesmo na *imbécilidade* e na *dementia*; por isso que o que falta na *dementia* é a ligação das idéas, ao passo que na *imbécilidade* é a completa formação das idéas. As idéas do imbecil são semi-formadas; sua intelligencia é como que retida em seu desenvolvimento, é por isso que Esquirol diz: «o imbecil é uma creança grande.»

Na realidade, estudando a creança, vemos a principio que ella não profere pa'avra, depois diz palavras sem exprimir idéas, mais tarde suas idéas já se formam em parte, e finalmente exprimem idéas completas. N'esse ultimo caso a creança dá provas sensiveis da razão. A creança segue uma marcha progressiva no desenvolvimento de suas idéas, e o *imbecil* jamais chega a attingir a razão. Tanto o imbecil como o louco pela *dementia* têm a razão incompleta; o primeiro, porque nunca seguiu a marcha progressiva que se observa na creança; o segundo porque tendo attingido a ella depois a perdeu.

Uma reflexão que tem todo cabimento. Alguns individuos possuem *instincto* tão *previdente* que repellem o espiritismo receiosos de perderem a razão. Conheço um medico, com quem tenho relações, posto que não no gráo d'outr'ora quando militavamos no mesmo partido politico, a quem perguntei se não desejava assignar a presente REVISTA, que me disse: «Deus me livre, não quero ficar louco.» A resposta não foi muito rigorosa para um homem que professa a sciencia medica, porém bem positiva para demonstrar em que conta tem elle a energia da sua razão.

No nosso primeiro artigo já fizemos vêr como Pinel definiu a *melancolia*: delirio parcial com abatimento, tristeza, tendencia para o desespero; porém essa definição não é generica. por isso que só define uma das fórmulas da *melancolia*, a *melancolia* alegre; tanto é assim que, é o mesmo alienista que no segundo volume de sua obra, diz; «Cousa alguma é mais inexplicavel, e entretanto cousa alguma está melhor comprovada do que as duas fórmulas oppositas que póde tomar a *melancolia*, E' algumas vezes um turgido de orgulho e a chimerica idéa de possuir riquezas im-

mensas ou poder sem limites; outras vezes é um abatimento pusillanime, uma consternação profunda ou desespero em profusão. »

Esquirol acreditou vencer a dificuldade fazendo da palavra *monomania* um termo generico abraçando as duas especies de loucura que a citação acima indica : — a *monomania triste*, e a *monomania alegre*.

O louco que se julga rei, o que se julga Mahomet, o louco do Pireu, exemplificam os alegres. Esquirol cita muitos *monomaniacos* nos seguintes termos : « Satisfeitos de si mesmo, contentes pelos outros, felizes, joviaes, communicativos, riem, cantam, dansam, etc. »

Consequentemente pôde-se dizer que a *monomania alegre* tem suas variantes, como as tem a *monomania triste* ; portanto, ha monomaniacos entusiastas, amorosos, hypocondriacos, homicidas, etc., etc.

Vêmos, pois, que algumas das monomanias são innocentes, verbi-gratia, esta com que está o redactor d'esta REVISTA — a da propaganda espirita. Não vos parece leitor ?

Diante da necessidade imperiosa de primeiro lembrar o que de essencial se ha dito sobre um genero de enfermidade que segundo dizem, *soffrem* todos os adeptos da escola espirita, não nos deteve a consideração de estar pondo mãos em seara alheia, e por isso vamos proseguindo.

Duas são as especies do genero demencia—*a demencia aguda*, e a—*demencia chronica*. Semelhante á todas as enfermidades têm começo, crescimento, declinio e cura ou termo com a cessação completa da vida corporea.

A *demencia chronica* é determinada pelo esgotamento do systema nervoso, particularmente do cerebro, bem entendido. Distinguem a *demencia senil*, chamando-a caducidade intellectual, por ser o estado em que cahem muitas intelligencias no fim da vida. Cuvier diz, no discurso que já alludimos, que Pinel, esse grande observador, essa cabeça vasta e geometrica, terminou seus dias no estado de demencia.— « sentio gradativamente aproximar-se de um estado que tantas vezes havia estudado nos outros.... »

Ha na obra de Esquirol um capitulo de alto interesse para nós ; é o da allucinação. Havemos mais tarde estudal-o; entretanto, vamos desde já dando d'elle alguma idéa.

As allucinações constituem um elemento da mór parte das loucuras, das *monomanias*, das *manias*, etc. Diz que raros são os *maniacos* e *monomaniacos* que não sejam allucinados. Separa

a *allucinação da illusão* dos sentidos, e declara ser a *allucinação* um facto puramente cerebral, tanto assim que ella tem logar ainda não existindo os sentidos. Exemplificando a sua posição diz : um surdo accusa ouvir vozes ameaçadoras ; um cego vê objectos que o espanta...

A *allucinação* tem muitas relações com o sonho.

Nos sonhos ouvimos, mas não pelos ouvidos.

Vêmos, porém, não pelos olhos.

O *allucinado*, segundo Esquirol, sonha acordado !

Espirituosamente, já Voltaire havia dito.

« O sonho é uma loucura passageira. »

Os alienistas confessam que sem o phenomeno do sonho a loucura seria menos comprehendida.

Encarando-se o sonho por uma tal fórma, não é admiravel as deducções que tiram ; verbi-gratia, um sabio quando sonha está, n'esse momento, no estado de loucura, e assim toda a humanidade ajuizada. Os menos rigoristas não vão até esse ponto, porém sustentam que se está em um estado de *allucinação* ; pois ouvem, vêem pessoas ausentes, seres que não existem, etc. Conclusão final : esse phenomeno é todo elle cerebral ; o cerebro acha-se meio dormindo, meio acordado, funcionando em parte ; d'ahi dizem elles, resulta sermos o joquete de mil e uma illusões !

(*Continúa.*)

Factos vulgarmente chamados—visões.

O jornal *Courrier de Lyon* relatou o seguinte facto :

« Na noite de 27 para 28 de Outubro de 1857, produzio-se um singular caso de visão intuitiva em Croix-Rousse. »

« Ha pouco mais de tres mezes que o casal B... honestos tece-lões, commovidos pelo louvavel sentimento de commiserção, recolheram para sua casa, na posição de creada, uma rapariga quasi idiota moradora em Bourgoing. »

« No ultimo Domingo, das duas ás tres horas da manhã, os esposos B... despertaram sobresaltados pelos gritos de sua creada, que dormia em um sotão contiguo ao quarto d'elles.

« A senhora B... tomou uma lampada, subio ao sotão e en-

controu sua creada em um estado de exaltação de espirito difficil de ser descripto, retorcendo os braços em medonhas convulsões e desfazendo-se em lagrimas chamava por sua mãe que, segundo dizia, acabava de vel-a morrer diante dos seus olhos.

« A senhora B... depois de ter calmado o quanto pôde a rapariga, voltou para seu quarto. Este incidente estava quasi esquecido quando, na quinta feira depois do meio dia, um estafeta do correio entregou ao senhor B... uma carta do tutor da rapariga que fazia sciente a esta ter, na noite de Domingo para o Sabbado, das duas para as tres horas da manhã, morrido sua mãe em virtude de uma queda do alto de uma escada.

« A pobre idiota partio hontem pela manhã para Bourgoing acompanhada pelo senhor B... seu patrão, para lá recolher a parte da successão que lhe cabe em herança de sua mãe, que ella tinha visto em sonho acabar tão tristemente. »

Factos como este não são raros. Temos ouvido contar muitos, e necessariamente alguns leitores não os tomarão por novidades. Produzem-se algumas vezes durante o somno e mesmo acordado; ora, como os sonhos não são outra coisa senão um estado de somnambulismo natural incompleto, chamam-se as visões que têm logar n'esse estado — *visões somnambulicas*, para as differencar das que se dão quando acordado e que são chamadas — *visões pela dupla vista*. Chamam-se *visões estaticas* as que se dão no estado de extase; estas têm geralmente por objecto seres e cousas do mundo incorporeo.

O seguinte facto relatado por um armador de Paris ao immortal Allan-Kardec, pertence a cathegoria dos que são chamados *visões pela dupla vista* :

« No mez de Abril proximo passado, achando-me soffrendo um pouco, fui passear as Tuileries com meu socio. O tempo estava magnifico, o jardim cheio de gente. Repentinamente a multidão desappareceu dos meus olhos; não senti mais meu corpo, fui como que transportado, e vi distinctamente um navio entrando no porto do Havre. Reconheci-o pela *Clemencia* que nós esperavamos das Antilhas; vi-o amarrar-se ao cáes, distinguindo claramente os mastros, as vellas, os marinheiros e os mais minuciosos detalhes, como se me achasse no logar. Disse para o meu companheiro: « Eis a *Clemencia* que chega; hoje mesmo receberemos noticia; sua viagem foi feliz. » Entrando em casa, entregaram-me um telegramma. Antes de ter visto o que elle continha, disse: « E' o annuncio da chegada da *Clemencia*, que entrou no Havre as tres horas. « O telegram-

ma confirmava, effectivamente, a entrada justamente á hora em que eu nas Tuilerias tinha visto. »

Uma pessoa do nosso conhecimento relatou-nos ha muito um facto da mesma cathegoria nos seguintes termos : « Estavamos nas Larangeiras, (Provincia de Sergipe) meu pai havia acabado de carregar um navio e da-to ordem para elle sahir barra fóra. Um dia, minha mãe se achava cosendo, no momento em que entrava em casa meu pai, e n'esse mesmo momento disse ella : — ah ! o navio F... está se despedaçando á barra... Effectivamente, no mesmo dia, na mesma hora, o naufragio do navio se dava... »

Ha pouco mais de um mez uma senhora respeitavel, mulher de um importante fazendeiro nosso amigo, cõntou-nos entre varios factos produzidos por uma senhora residente em Baependy, este que vamos relatar : « Estava em Baependy uma familia, juntamente com nigo no uso das aguas, que tinha aqui na Côrte uma pessoa desenganada pelos medicos por soffrer do coração. Havia alguns dias que a familia, em Baependy, não recebia noticias do doente ; foi ter com a senhora X... muito conhecida alli em reproduzir factos identicos, para obter noticias do doente. A senhora X... depois de uma ligeira oração a Nossa Senhora, deu esta resposta : « F... está n'este momento em um caixão para ser hoje enterrado. Elle não falleceu da molestia de coração que soffria, porém de bexigas... Preparem o animo de D. F... para receber a noticia da morte que já vem pelo correio que chegará aqui tal dia... » Tudo se realisou sem a minima discrepancia.

Quando factos de visões têm por objecto seres do mundo incorporeo, pôde-se com apparencia de razão, dar-se-os como um producto da imaginação, qualifical-os de allucinações, por isso que não se pôde comprovar a exactidão ; porém os quatro factos que acima ficam relatados, cuja realidade material foi comprovada, não admitte as explicações habituaes da incredulidade. Diante d'esses factos, desafiamos todos os physiologistas, todos os phylosophos de nos explicar esses acontecimentos pelos seus systemas.

Só a sciencia espirita pôde nos conduzir por essas veredas desconhecidas da generalidade dos que se chamam sabios. Em todos esses factos que acabamos de relatar o phenomeno é psychico ; as almas momentaneamente desprenderam-se até certo ponto dos atilhos materiaes dos corpos ; rapidas, como o pensamento acharam-se nos diversos logares d'aquelles acontecimentos ; isso quanto aos tres ultimos factos ; quanto ao primeiro,

podia ter sido tambem a alma ou Espirito da mãe da pobre idiota vindo ter com ella para annunciar-lhe que acabava de morrer.

Spiritismo na Italia.

Na *Revista Espirita* de Paris do mez de Janeiro do corrente anno, sob a epigraphe acima, vem narrado um facto bastante curioso, — eis o que se lê :

O Sr. Bruce nos enviou a seguinte carta :

O Sr. Barão Kirkup, litterato residente na Toscana (Italia) depois de muitos annos, me permite relatar o seguinte facto que póde interessar aos vossos leitores. — Havia apenas nove dias que era avô o Sr Barão, quando teve logar esse phenomeno — Eis o facto extrahido textualmente de sua carta :

« Os meus invisiveis amigos estabeleceram comigo uma correspondencia por escripto. Tres pancadas na parede, quando estou só, indicam que existe uma carta no escriptorio do nosso correio secreto, collocado atraz de um dos quadros da sala ; ponho minha resposta no mesmo logar, e dá-se isto sempre que me acho só, porque não confio em pessoa alguma, nem mesmo em minha filha.

« Eu conheço o character de letra dos quatro Espiritos *Regina*, *Annina*, *Isacco*, e *Dante* ; tenho d'elles, pelo menos, cem cartas. Estes Espiritos me julgando desconfiado propuzeram dar-me uma prova convincente, fazendo escrever meu neto que tinha nove dias de idade. Temendo alguma mystificação, convidei seis amigos meus para serem testemunhas d este fucto. A sala estava illuminada por um candieiro e muitas velas, minha filha entrou trazendo a criança em um dos braços, e na outra mão uma folha de papel sobre um livro. Eu tinha aparado muitos lapis, e os tinha escondido em um logar escuro, porque sabia que os Espiritos não gostam de apanhar um objecto em qualquer meza para o qual se concentram todas as vistas ; esta attenção os importuna. Quando minha filha se assentou já a criança tinha em uma das mãos um lapis de marfim de cinco centimetros de comprimento, segurava-o como se fosse um punhal e começou immediatamente a escrever. Eu estava assentado ao lado de minha filha, e com os olhos fitos na criança. Ella co-

meçou por escrever as quatro iniciaes R A S D dos nomes dos meus quatro amigos, deixando depois cahir o lapis. Pensava eu que tudo estava concluido, quando minha filha exclamou : ella está de novo com o lapis ! e Regina escreveu estas palavras em italiano : *Non mutare questa e buona prova fue cosa ti abbiamo detto. Addio.* (Não alteres ; este escripto é uma excellente prova, é a que te haviamos promettido. Adeus.)

Este pensamento estava perfeitamente escripto pela mão da criança, ninguem tocava no papel e eu tinha os olhos fitos n'ella no que me acompanhavam todos os assistentes ; e não eramos victimas de uma illusão ; este phenomeno deixou-nos uma impressão real.

Fiz escrever e assignar o seguinte termo por todas as pessoas presentes :

Nós sete testemunhas vimos a menina Valentina de 9 dias, escrever como acima se relata : o lapis era posto em sua mão por um poder invisivel. Fortunata Carboni, Teresa Beltramini, Teodoro Cisni, Paolina Carboni, Smogene Kirkup Cisni, Viltorio Beltramini.

SEYMOUR KIRKUP.

Temos uma illimitada confiança no Sr. Bruce, professor de linguas, á rua das Escolas n. 24 ; temos intimas relações com este litterato que a 33 annos ensina aos Inglezes o Inglez, o Alemão, o Hespanhol e o Francez. Nossos irmãos espiritas da Hespanha, da Italia, e dos Estados Unidos o recommendam ás familias que querem ensinar estas linguas a seus filhos. Agradecemos ao Sr. Barão de Kirkup a permissão que nos deu de publicar este notavel phenomeno : tivemos occasião de ler duas cartas suas que relatam este facto.

Dissertação moral dictada pelo Espirito de S. Luiz.

I.

Tu que possues, escuta-me: Um dia dois filhos de um mes e o pai receberam ambos um alqueire de trigo. O mais velho fechou o seu em um logar occulto; o outro encontrando em seu caminho um pobre que pedia esmola, correu a elle e derramou no panno

do seu manto a metade do trigo que lhe haviam dado, depois continuou sua jornada, e foi semear o resto no campo paterno.

Ora, no correr d'aquelle tempo houve grande fome, os passaros do céu cahiam mortos á beira das estradas. O irmão mais velho correu á seu escondrijo, pórem encontrou n'elle só poeira; o mais moço ia tristonho contemplar seu trigo chocho nos pés, quando encontra o pobre á quem tinha soccorrido. Irmão, disse-lhe o mendigante, eu ia morrer, quando tu me soccorrestes; presente-mente que a esperança está murcha em teu coração, segue-me: Teu meio alqueire quintuplicou em minhas mãos; aplacarei tua fome e tu viverás na abundancia.

II.

Avaro, escuta-me ! conheces a felicidade ? sim, não é ? ! Teus olhos sombrios brilham em suas orbitas que a avareza profundamente cavou; teus labios apertam-se; tuas narinas tremem e teus ouvidos aguçam-se. Sim, percebo, é o ruido do ouro que tua mão acarecia derramando em teu escondrijo. Tu dizes: E' o supremo deleite. Silencio ! approximam-se. Fecha ligeiro. Bem ! como estaes pallido, teu corpo treme. Desassombra-te; os passos se afastam. Abre; não tremas; estaes inteiramente só. Ouves ? ! não, cousa alguma; é o vento gemendo passando pela soleira da porta. Contempla; quanto ouro ! enche as mãos: faz tenir o metal; és feliz.

Feliz, tu ! porém tuas noites são sem repouso e teu somno é obsedado por phantasmas.

Tens frio ? aproxima-te do fogão; aquece-te a esse fogo que chispa graciosamente. Cahe néve; o viajante friorentamente envolve-se em seu manto e o pobre trapeiro em seus andrajos. A mulher do lar espreguiça-se: deita lenha para ser queimada. Mas não ; pára ! é teu ouro que se consome n'essa lenha; é teu ouro que queima.

Tens fome ? ! toma, recebe; sacia-te; tudo isso é para ti, pagaste-o com teu ouro. Com teu ouro ! essa abundancia te indigna; esse superfulo é preciso para manter tua existencia ? não, esse pequeno pedaço de pão bastará; ainda é muito. Tuas vestimentas cahem em tiras; tua casa se fenda e ameaça ruina; soffres frio e fome; mas que importa ! tens ouro.

Desgraçado, esse ouro, a morte te separará d'elle. Deixal-o-ha sobre a borda da sepultura, semelhante a poeira que o viajante sacode no batente da porta onde a familia amada o aguarda para festejar sua chegada.

Teu sangue empobrecido, envelhecido pela tua miseria voluntaria, gelou-se em tuas veias. Herdeiros havidos aguardam o momento de lançar teu corpo no canto de um cimiterio; eis tu face á face com a eternidade. Miseravel ! o que fizestes d'esse ouro que te foi confiado para aliviar o pobre ?

Ouves essas blasphemias ? vês essas lagrimas ? esse sangue ? Essas blasphemias são as dos soffrimentos que poderieis ter chamado; essas lagrimas, as fizesteis correr; esse sangue, fosteis tu que o derramasteis. Tens horror de ti mesmo; desejarias fugir de ti mesmo, e não o podes. Soffre damnado ! e tu te estorces em teu soffrimento. Soffre ! para ti não ha piedade. Não tens entranhas para teus irmãos infelizes; quem as terá para ti ? Soffre ! soffre ! sempre ! teu supplicio não terá fim. Deus quer, para te punir que, tu assim *acredites*.

NOTA.—S. Luiz é um espirito elevado, outr'ora rei de França, é hoje um dos propagadores do espiritismo; não póde senão debaixo de uma figura poetica fazer a interrogação: Tu não tens entranhas para teus irmãos infelizes; *quem as terá para ti ?* Ora, o avarento é um ente desgraçado e basta isso para d'elle ter compaixão todo o Espirito elevado. Quando não eramos espiritas, tínhamos tedio d'esses vultos que deixavam de comer para não despendem alguns vintens; tínhamos nojo de outros que serviam-se do seu ouro para levarem á perdição as filhas desvalidas; hoje em dia temos compaixão d'esses seres humanos, porque sabemos a sorte que hão de ter, apenas deixarem sobre a terra o envólucro material.

E' ainda uma figura poetica a fraze — *Deus quer, para te punir.* — Não perdendo de vista os infinitos attributos de Deus, não se póde tomar ao pé da lettra, as palavras que revelam partindo d'Elle um desejo de vingança. Quando nos exprimimos nos seguintes termos: *Deus não permite uma injustiça*, avançamos uma proposição verdadeira quer em relação á lettra, quer em relação ao espirito; mas quando dizemos — *Deus vinga as injustiças* — a verdade está no espirito e não na lettra. Expliquemo-nos. A lei que rege os actos justos praticados pelos Espiritos quer encarnados, quer desencarnados, é traçada por Deus.

A lei que pune os actos injustos praticados pelos Espiritos encarnados ou desencarnados é o que resulta da infracção da lei divina, conseguintemente, imposta pelo proprio Espirito peccador á si mesmo.

Deus deu ao Espirito o livre arbitrio, o mais sublime dos attributos d'alma, para que as nossas accções tivessem merito.

Dirão, não sendo o castigo lei de Deus, e sim lei creada pelo

Espirito peccador, segue-se que em virtude do proprio livre arbitrio, um máo Espirito furtar-se-ha a punição.

A lei do progresso é uma lei de Deus, e a ella está sugeito o Espirito. Em quanto o Espirito não quer progredir, não progredir, mas elle chega mais cedo ou mais tarde á comprehender a vantagem de pôr-se no caminho do progresso, então vê quanto se prejudicou em infringir as leis do bem, unicas leis do Codigo divino. Ahi começa o soffrimento moral, o castigo, e só termina com o sincero arrependimento, que outra cousa não é senão a reparação da infracção commettida.

Vista espiritual ou psychica ou vista dupla; somnambulismo; sonhos.

O perispirito é o traço de união entre a vida corporea e a vida espiritual; é por elle que o Espirito encarnado está em relação constante com os Espiritos; é finalmente por meio d'elle que se completam phenomenos especiaes no homem, que não têm causa primitiva na materia tangivel, e que por essa razão, chamam-os sobre-naturaes.

E, nas propriedades e no radiamento do fluido perispiritual que se deve procurar a causa da *vista dupla*, ou *vista espiritual*, que tambem se pôde chamar *vista psychica*, de que muitas pessoas são dotadas, muitas vezes sem consciencia, bem como da vista somnambulica.

O perispirito é o *orgão sensitivo* do Espirito; é por intermedio d'elle que o Espirito encarnado tem a percepção das cousas espirituaes que escapam aos sentidos carnaes. Os orgãos do corpo, a vista, ouvido, etc., limitam a percepção das cousas materiaes, localisando as diversas sensações; o sentido espiritual ou *psychico* as generalisam; o Espirito vê, percebe, sente por todo o seu ser tudo quanto está na esphera do radiamento do seu fluido perispiritual.

Nos homens, esses phenomenos são as manifestações da vida espiritual; é a alma funcionando fóra do organismo. Na vista dupla ou percepção pelo sentido psychico « o homem não vê pelos olhos do corpo, posto que muitas vezes habitualmente os volte para o ponto sobre o qual se desperta a sua attenção; vê

pelos olhos d'alma e a prova está em ver tanto com os olhos abertos como com elles fechados, e além do alcance do raio visual; lê o pensamento figurado no radiamento fluidico.

Não obstante estar o Espirito durante a vida *achanado* ao corpo pelo perispirito, não é por tal fórma captivo que não possa estender sua cadêa e transportar-se á distancias, quer sobre a terra, quer sobre um ou outro ponto do espaço. E' á seu pezar que o Espirito se acha amarrado ao corpo, porque a sua vida normal é a liberdade, ao passo que a vida corporea assemelha-se a do servo ligado a gleba.

O Espirito é tão feliz deixando o corpo como o é o passaro deixando a gaiola; elle procura todas as occasiões de se libertar e por isso aproveita todos os instantes que não são necessarios á vida de relação. E' esse o phenomeno chamado *emancipação d'alma*. Elle tem sempre logar durante o somno. Todas as vezes que o corpo repousa e que seus sentidos acham se inactivos, o Espirito se desprende, tanto quanto póde. Esse desprendimento depende da elevação moral do Espirito; isto é, quanto mais elevado for o Espirito, tanto mais facil se desprenderá ou para sermos melhor comprehendidos, tanto mais facilmente destenderá a cadêa que o liga ao corpo.

N'esses momentos o Espirito vive vida espiritual, ao passo que o corpo é entretido pela vida vegetativa; acha-se em parte em um estado proximo ao que se segue após da morte; percorre o espaço, entretém-se com seus amigos e outros Espiritos desencarnados ou encarnados como elle.

O linho fluidico que o retem ao corpo não fica definitivamente partido senão com a morte; a separação do Espirito do corpo só tem logar com extincção absoluta da actividade do principio vital. Emquanto o corpo vive, o Espirito, em qualquer distancia que se ache instantaneamente volta a elle desde que sua presença é necessaria; só então volta á tomar o curso da vida exterior de relação. Muitas vezes despertando conserva a lembrança de suas peregrinações. Imagens mais ou menos precisas constituem os sonhos. Em todo caso, o Espirito conserva intuições que lhe suggerem idéas e novos pensamentos que justificam o proverbio: A noite nos traz conselhos. Assim se explicam igualmente certos phenomenos caracteristicos do somnambulismo natural e magnetico, da catalepsia, da lethargia, do êxtasis, etc., que outra cousa não são senão manifestações da vida espiritual.

A vista espiritual não se effectuando pelos olhos do corpo, resulta que a percepção por ella não tem logar pela luz ordina-

ria ; effectivamente, a luz material é feita para o mundo material ; para o mundo espiritual, existe uma luz especial cuja natureza nos é desconhecida, mas que não póde deixar de ser uma das propriedades do fluido ethereo destinado ás percepções visuaes d'alma. Ha, pois, luz material, assim como ha luz espiritual ; a primeira tendo seu foco circumscripto aos corpos luminosos ; a segunda seu foco por toda parte ; por esta razão não ha obstaculos á vista espiritual ; ella não se limita pela distancia, nem pára diante da opacidade da materia ; para ella não existe a obscuridade. O mundo espiritual é, pois, esclarecido pela luz espiritual, que tem seus effectos proprios, assim como o mundo material o é pela luz solar.

Envolvida em seu perispirito, a alma traz em si o seu principio luminoso ; não ha corpos opacos para sua vista, porque ella penetra a materia em virtude de sua essencia etherea.

Entretanto, a vista espiritual não tem a mesma extensão, nem a mesma penetração em todos os Espiritos. Só os puros Espiritos possuem-na em toda extensão. Ella é fraca nos Espiritos inferiores, por causa da grosseria do perispirito d'esses que a intercepta semelhante a um nevoeiro.

Nos Espiritos encarnados vêmol-a manifestar-se em diversos grãos pelo phenomeno da segunda vista, quer no somnambulismo natural ou magnetico, quer no estado de vigilia. D'ahi resulta dizermos que a lucidez é maior ou menor conforme o grão potente da faculdade. E' pelo auxilio d'essa faculdade que certas pessoas vêem o interior do organismo e descrevem a causa das molestias.

Dá, pois, a vista espiritual percepções especiaes que não têm séde nos órgãos materiaes e por isso opera-se em condições diversas da vista corporea ; por essa razão, não se póde esperar d'ella effectos identicos, nem experimental-a pelos mesmos processos. Effeituando-se no exterior do organismo, tem uma mobilidade que desconcerta todas as previsões. E' preciso estudal-a em seus effectos e em suas causas, e não pela similitude com a vista ordinaria que não é supprida por ella, senão em casos excepçionaes que não se podem tomar como regra.

Nos Espiritos encarnados a vista espiritual é necessariamente incompleta e imperfeita, conseguintemente sujeita a erros e aberrações. Tendo sua séde na propria alma, o estado d'alma deve influir sobre as percepções que dá. Conforme o grão de seu desenvolvimento, as circumstancias e o estado moral do individuo, ella póde dar, quer no somno, que no estado de vigilia : 1° a percepção de certos factos materiaes positivos, como o co-

nhecimento de successos que se passam ao longe, os detalhes descriptivos de uma localidade, as causas de uma molestia e os remedios convenientes; 2° a percepção de cousas igualmente reaes do mundo espirital, como a vista dos Espiritos; 3° imagens fantasticas creadas pela imaginação, analogas as creações fluidicas do pensamento. Essas creações estão sempre em relação com as disposições moraes do Espirito que as geram. E' assim que o pensamento das pessoas em extremo embuidas e preocupadas com certas crencas religiosas lhes apresenta o inferno, suas fornalhas, suas torturas e seus demonios, taes como ellas se lhes figuram: muitas vezes é uma completa epopéa; os pagões vêem o Olympo e o Tartaro, como os christãos vêem o Inferno e o Paraiso. Se no despertar ou no sahir do êxtasis, essas pessoas conservam lembrança precisa de suas visões, tom-nas pelas realidades e confirmações de suas crencas, ao passo que são o producto de seus proprios pensamentos. (*) Ha pois uma escolha á fazer muito rigorosa nas visões extaticas antes de acceital-as. O remedio á credulidade extrema, debaixo d'esse ponto de vista, é o estudo das leis que regem o mundo espirital.

Os sonhos propriamente ditos apresentam os tres estados naturaes das visões acima descriptos. Aos dois primeiros pertencem os sonhos das previsões, dos presentimentos e das advertencias. (**) E' na terceira; isto é, nas creações fluidicas do pensamento que se póde achar a causa de certas imagens fantasticas que nada têm de real com a vida material, mas que têm para o Espirito algumas vezes tal realidade que, o corpo experimentando a repercursão, os cabellos embranquecem debaixo da impressão de um sonho. Essas creações podem ser provocadas: pelas crencas exaltadas; pelas lembranças retrospectivas; pelos desgostos; pelos desejos; pelas paixões; pelo temor; pelos remorsos; pelas preocupações habituaes; pelas necessidades do corpo ou incommodo nas funcções do organismo; finalmente, por outros Espiritos, com fim benevolo ou malefico, conforme o seu character.

(*) E' assim que se póde explicar as visões da Irmã Elmerich, a qual, referindo-se ao tempo da paixão do Christo, disse ter visto cousas materiaes que jámais existiram fóra dos livros que ella leu; as visões de Madame Cantanille, e uma parte das de Swedenborg.

(**) Será melhor comprehendido quando o leitor tiver conhecimento da theoria da presciencia.

Continuação do estudo sobre os fluidos

(Vide a « Revista » n. 2, pag 62)

A materia inerte é insensível ; o fluido perispirital o é igualmente, mas transmite a sensação ao centro sensitivo que é o Espirito. As lesões dolorosas do corpo repercurtem-se no Espirito como um choque electrico, por intermedio do fluido perispirital, cujos nervos parecem ser os fios conductores. E' o influxo nervoso dos physiologistas que, não conhecendo as relações d'esse fluido com o principio espiritual, não podem explicar todos os effeitos d'elle.

A interrupção póde ter logar pela separação de um membro ou secção de um nervo ; mas tambem, parcialmente ou de uma maneira geral e sem lesão alguma, nos momentos de emancipação, de grande superexcitação ou preocupação do Espirito. N'esse estado não cuida do corpo e em sua febricitante actividade o Espirito attrahe, por assim dizer, á si o fluido perispirital que, retirando-se da superficie produz uma insensibilidade momentanea. Póde-se ainda admittir que, em certas circumstancias, no proprio fluido perispirital produz-se uma modificação molecular que lhe tira temporariamente a propriedade da transmissão. E' por isso que, muitas vezes no ardor do combate o soldado não percebe estar ferido ; que o individuo cuja attenção está concentrada em um trabalho, não ouve o ruido que se faz em torno d'elle. Effeito analogo, porém mais pronunciado, tem logar em certos somnambulos, na lethargia e na catalepsia. E' assim, finalmente, que se póde explicar a insensibilidade dos convulsionarios e de certos martyres.

A paralyisia não tem absolutamente a mesma causa ; n'ella o effeito é todo organico ; são os proprios nervos, os fios conductores que não são aptos á circulação fluidica ; são as cordas do instrumento que se acham alteradas.

Em certos estados pathologicos, desde que o Espirito não está mais no corpo, e que o perispirito só está ligado a elle por alguns pontos, o corpo tem todas as apparencias da morte, e se está com a verdade absoluta dizendo que a vida está presa por um fio. Esse estado póde durar mais ou menos tempo ; certas partes do corpo póde mesmo entrar em decomposição, sem que a vida definitivamente se ache extincta. Em quanto o ultimo fio não se parte, o Espirito póde, quer por uma acção energica

de sua *propria* vontade, quer por um *influxo fluidico estranho*, igualmente poderoso, ser chamado ao corpo. Assim se explicam certos prolongamentos da vida contra toda probabilidade, e certas pretendidas resurreições. E' a planta que rebrota algumas vezes com uma unica fibrinha de raiz; porém quando as ultimas moleculas do corpo fluidico se destacam do corpo carnal ou quando este está em um estado de desorganisação irreparavel, a volta á vida torna-se impossivel.

O fluido universal é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispirito, como já se disse, bem como todos os corpos são transformações d'esse mesmo fluido. Pela identidade de sua natureza, esse fluido, condensado no perispirito, póde fornecer no corpo os principios reparadores; o agente pulvisor é o Espirito encarnado ou desincarnado, que infiltra no corpo deteriorado uma parte da substancia de seu envólucro fluidico. A cura opera-se pela substituição de uma molecula *sã* a uma molecula *insalubre*. A potencia curativa estará na razão da pureza da substancia inoculada; depende ainda da energia da vontade, que provoca uma emissão fluidica mais abundante e dá ao fluido uma maior força de penetração; finalmente, das intenções que animam aos que querem curar, *quer seja homem ou Espirito*. Os fluidos que emanam de uma fonte impura assemelham-se as substancias medicamentosas deterioradas.

Os efeitos da acção fluidica sobre os doentes são em extremo variados, conforme as circumstancias; essa acção é algumas vezes lenta e reclama tratamento prolongado, como no magnetismo commum; outras vezes, é rapida como uma corrente electrica. Ha pessoas dotadas de uma tal potencia que operam sobre certos doentes curas instantaneas pela simples imposição das mãos ou mesmo pela simples vontade. Entre os dois polos extremos d'esta faculdade, ha variações ao infinito. Todas as curas d'esse genero são variedades das do magnetismo e só differem entre si pela potencia e rapidez da acção. O principio é sempre o mesmo; é o fluido que goza do papel de agente therapeutico, tendo os efeitos subordinados a sua qualidade e circumstancias especiaes.

A acção magnetica póde-se produzir por muitas fórmãs:

1.º Pelo proprio fluido do magnetisador; é o magnetismo propriamente dito, ou *magnetismo humano*, cuja acção é subordinada a potencia do magnetisador e principalmente á qualidade do fluido:

2.º Pelo fluido dos Espiritos actuando directamente e *sem intermediario* sobre o encarnado, quer para curar ou calmar um

soffrimento, quer para provocar o somno somnambulico espontaneo, para exercer sobre o individuo uma influencia physica ou moral qualquer. E' o *magnetismo espirital*, cuja qualidade está na razão das qualidades do Espirito :

3.º Pelo fluido que os Espiritos espargem sobre o magnetizador e que este serve de conductor. E' o magnetismo *mixto*, *semi-espirital* ou se quizerem *humano-espirital*. O fluido espirital, combinado com o fluido humano, dá a este ultimo qualidades que faltam. O concurso dos Espiritos em semelhantes circumstancias, é algumas vezes espontanea, porém o mais das vezes é provocado pelo appello do magnetizador.

A faculdade de curar pela influencia fluidica é muito commum e pelo exercicio póde-se desenvolver ; porém a de curar instantaneamente pela imposição das mãos é mais rara e o seu apogeo póde ser considerada como excepcional. Entretanto, em diversas épocas, quasi em todos os povos têm havido individuos que a possuiram em gráo elevadissimo. Em certos periodos têm-se visto exemplos notaveis, cuja authenticidade não póde ser contestada. Essas sortes de curas não são milagres, repousam sobre um principio natural, o poder de os operar não é um privilegio ; logo ellas não sahem fóra das leis da natureza e têm de miraculosas apenas as apparencias.

O perispirito em seu estado normal é invisivel, mas sendo formado de materia etherea, o Espirito póde, em certos casos, pelo acto de sua vontade, fazel-o passar por uma modificação molecular que o torna momentaneamente visivel. E' assim que as *appareições* se produzem, e que como os outros phenomenos não se acham fóra das leis da natureza. Não é isso mais extraordinario do que o vapor que é invisivel quando rarefeito e que se torna visivel quando condensado.

Conforme o gráo de condensação do fluido perispirital, a appareição algumas vezes é vaga e vaporosa ; outras vezes é clara e definida ; outras, finalmente, têm todas as apparencias da materia tangivel ; póde mesmo chegar a tangibilidade real á ponto de equivocar-se sobre a natureza do ser que se tem diante de si.

As appareições vaporosas são frequentes, muitas vezes acontece que individuos apresentam-se assim, depois da sua morte, ás pessoas que lhes são affeioadas. As appareições tangiveis são mais raras, posto tenham havido numerosos exemplos perfeitamente authenticos. Se o Espirito se quer fazer conhecer, dará ao seu envólucro signaes exteriores que tinha quando vivo corporalmente.

E' preciso attender que as appareções tangiveis têm apenas as apparencias da materia carnal, porém não as suas propriedades; em virtude de sua natureza fluidica, não póde ter precisamente a mesma cohesão, porque não é carne na realidade. Formam-se instantaneamente e da mesma sorte desapparecem ou se evaporam pela desaggregação das moleculas. Os seres que n'essas condições se apresentam, não nascem nem morrem como os outros homens; vê-se-os, e deixa-se de os ver, sem saber d'onde vieram, nem como vieram, nem para onde foram; não se os poderiam matar, nem acorrental-os, nem encarceral-os, pois não têm corpo carnal; os golpes que se lhes der baterão no vacuo.

Tal é o character dos *ageneres*, com os quaes se póde conversar sem perceber o que são, porém nunca fazem longa demora não se podem tornar commensaes de uma casa nem figurar, entre os membros de uma familia.

Ha de mais, em todos os seus modos, alguma cousa de estranho e de insolito que prende-se a materialidade e a espiritualidade; seu olhar vaporoso e penetrante ao mesmo tempo, não tem a nitidez do olhar pelos olhos da carne; sua linguagem breve e quasi sempre sentenciosa, nada tem do brilho e da volubilidade da linguagem humana; sua aproximação faz experimentar uma sensação particular indefinivel de surpresa que inspira uma sorte de temor, apesar de se os tomar por individuos semelhantes á nós, involuntariamente diz-se : Eis um ser singular.

O perispirito sendo o mesmo entre os encarnados e os desencarnados, por um effeito completamente identico, um Espirito encarnado póde apparecer em um momento de liberdade, sobre um outro ponto diverso d'aquelle em que se acha o seu corpo, com seus distinctivos habituaes e com todos os signaes de sua identidade. E' esse o phenomeno do qual existem exemplos autenticos, que tem dado logar á crença dos homens duplos.

N'essas sortes de phenomenos ha um effeito particular que vem ser, não serem essas appareções vaporosas ou tangiveis indistinctamente percebidas por todos; os Espiritos mostram-se quando querem e como querem. Um Espirito, pois, poderá apparecer em uma assembléa a um ou a varios assistentes, e não ser visto pelos outros. Resulta esse facto de ser essa percepção effeituada pela vista espiritual e não pela vista carnal; porque não sómente a vista espiritual não é dada a todos; isto é, nem todos a possuem desenvolvida, como tambem ella póde segundo as circumstancias ser offuscada pela vontade do Espirito que não quer que esse ou aquelle sujeito o veja, assim como

póde momentaneamente ser dada pelo Espirito que se manifesta a quem elle quer se mostrar.

A condensação do fluido perispiritual nas apparições, mesmo tangíveis, não tem as propriedades da materia ordinaria ; se não fosse assim, as apparições, sendo perceptíveis aos olhos do corpo, seriam para todas as pessoas presentes. (*)

O Espirito podendo operar transformações na contestura de seu envólucro perispiritual, e esse envólucro radiando em *torno do corpo como uma atmosphaera* fluidica, um phenomeno analogo ao das apparições póde-se produzir na superficie do proprio corpo. Debaixo da camada fluidica, a figura real dos corpos póde desaparecer mais ou menos e tomar outros traços ; ou tambem os traços primitivos vistos atravez da camada fluidica modificada, como atravez de um prisma, podem tomar outra expressão. Se o Espirito, sahindo da superficie da terra, se identifica com as cousas do mundo espiritual, a expressão de uma figura grosseira, feia, póde-se tornar bella e radiante e muitas vezes mesmo luminosa ; ao contrario, se o Espirito é exaltado por más paixões, uma figura bella, póde tornar-se de um aspecto medonho.

E'assim que se operam as *transfigurações*, que sempre são o reflexo das qualidades e dos sentimentos predominantes do Espirito. Esse phenomeno é, pois, o resultado de uma transformação fluidica ; é uma sorte de apparição perispiritual que se produz sobre o proprio corpo vivo e algumas vezes no momento da morte, em lugar das apparições ao longe, como nas apparições propriamente ditas. O que distingue as apparições d'esse genero é serem perceptíveis á todos os assistentes e isso pelos olhos do corpo, precisamente porque têm por base a materia carnal visível, ao passo que as apparições puramente fluidicas não se acham n'esse caso.

Os phenomenos das mezas giratorias e fallantes, de suspensão etherea dos corpos pesados, da escripta medianimica, tão antigos como o mundo, porém hoje em dia mais vulgarizados, dão a chave de alguns phenomenos analogos espontaneos que, por ignorancia das leis que os regem, attribuiam ao *sobre-natural* e *miracoloso*. Esses phenomenos repousam sobre as propriedades do fluido perispiritual, quer dos encarnados, quer dos Espiritos livres.

(*) Pelo que fica dlto, não devemos pensar que os Espiritos não possam nas apparições, levar o perispirito a um estado tal que, sem ter todas as propriedades da materia organizada, deixem de ser vistos pelos olhos do corpo, consegutntemene por todos os assistentes.

A proposição enunciada acima é relativa ao phenomeno debaixo do posto de vista o mais generico,

Era pelo auxilio do perispirito que o Espirito actuava sobre seu corpo quando vivo; é pois com esse mesmo fluido que elle se manifesta actuando sobre a materia inerte, produzindo ruídos, movimentos de mezas, que levanta outros objectos, deita-os por terra ou transporta-os. Esse phenomeno nada tem de sorprendente considerando-se que, entre nós, os mais poderosos motores encontram-se nos fluidos mais rarefeitos e mesmo imponderaveis, como o ar, o vapor e a electricidade.

E' ainda com o auxilio do perispirito que o Espirito faz escrever, desenhar, e fallar aos mediums; não tendo corpo tangivel para actuar ostensivamente quando se quer manifestar, serve-se do corpo do medium, cujos órgãos toma como que por emprestimo, para actuar ostensivamente como se fosse o seu proprio corpo, e isso pelo effluvio fluidico que esparge sobre o medium.

E' pelo mesmo meio que o Espirito actua sobre a meza, quer para fazel-a andar sem significação alguma, quer para fazel-a marcar por meio de pancadas as letras do alphabeto, formando palavras e frases, phenomeno chamado *typtologia*. A meza é apenas o instrumento de que se serve o Espirito, como se serve do lapis para escrever; dá á meza uma vitalidade momentanea pelo fluido com o qual a penetra, porém *não se identifica com ella*. As pessoas que na emoção abraça a meza por vêr se manifestar um ser que lhe é caro, pratica um acto rediculo, porque faz o mesmo como se abraçasse o bastão de um amigo que o tocasse. O mesmo se póde dizer dos que dirigem palavras á meza, como se o Espirito estivesse encerrado na madeira, ou como se a madeira se tornasse Espirito.

Quando as communicacões têm logar por esse meio, é preciso representar o Espirito, não na meza, porém ao lado, tal como se elle estivesse com o seu corpo carnal, e é assim que se o enxergaria se elle se tornasse visivel. A mesma cousa tem logar nas communicacões pela escripta; vê-se o Espirito ao lado do medium, quando elle se torna visivel, dirigindo a mão ou transmittindo o pensamento por uma corrente fluidica.

Quando a meza se destaca do solo e fluctua no espaço sem ponto de apoio, o Espirito não a levanta pela força dos braços, porém envolve-a e penetra-a com uma especie de atmospheria fluidica que neutralisa o effeito da gravitação, como acontece com o ar em relação aos ballões e os papagaios de papel. O fluido que a penetra dá-lhe momentaneamente uma grande leveza especifica. Quando a meza fica adherida ao solo, representa um phenomeno semelhante ao da campanula de uma machina pneumatica quando se faz o vacuo. São comparações essas que aca-

bamos de fazer para mostrar analogia dos effeitos e não semelhança absoluta das cousas.

Compreende-se, depois do que fica dito, que não ha difficuldade de ser levantada uma meza assim como uma pessoa por um Espirito; da mesma fórma transportar um objecto ou atiral-o ao longe; esses phenomenos são produzidos pela mesma lei.

Quando a meza persegue alguém não é o Espirito que corre, porque elle pôde ficar tranquillo no mesmo lugar, porém dá a impulsão por meio de uma corrente fluidica com a qual a move á seu bello prazer: quando ouvimos pancadas na meza ou em qualquer outro lugar, não devemos tomar como sendo o Espirito batendo com a mão ou com qualquer objecto, mas sim como sendo o resultado do facto fluidico lançado sobre esse ou aquelle ponto.

Factos notaveis.

Em 1867 no numero das curiosidades apparecidas em Paris, attrahidas pela Exposição, entre as mais estranhas foi sem duvida os Arabes da tribu *Aissaoua*. *O Mundo Illustrado*, de Outubro de 1867, dá uma relação e desenhos de varias scenas testemunhadas na Algeria pelo auctor do artigo, principiando nos seguintes termos:

« Os Aissaouas formam uma seita religiosa muito generalisada na Africa e principalmente na Algeria. Seu designio não o conhecemos; sua fundação remonta, dizem alguns, a Aissa, a escrava favorita do Propheta; outros pretendem que sua confraria foi fundada por Aissa, piedoso e sabio marabú do XVI seculo. Seja como fôr, os Aissaouas sustentam que seu piedoso fundador lhes deu o privilegio de serem insensiveis aos soffrimentos. »

Em 30 de Setembro o *Petit Journal* narra uma das sessões dadas pela companhia dos Aissaouas, em Paris, durante a Exposição. As sessões dadas por esses Arabes eram publicas, já no Campo de Marte, já na sala da arena athletica á rua Peletier, e portanto debaixo dos olhos do numerozo publico parisiense.

Eis o que diz Timotheo Trimm:

« Proclamo altamente que vi, hoje á tarde, cousas que deixam á perder de vista os irmãos Davenport e os pretendidos milagres do magnetismo. Os assombros produzem-se em uma sala que ainda não está classificada na jerarchia dos espectaculos.

Passam-se na arena athletica á rua Peletier. Eis sem duvida porque não se questiona muito sobre os feiticeiros dos quaes hoje fallo.

« E' evidente que temos de nos entreter com illuminados, porque são vinte e seis Arabes que agacham-se e servem-se á principio de castanholas de ferro para acompanhar seus cantos.

« Do corpo do baile theatral musulmano sahio em primeiro logar um joven Arabe segurou um carvão em brasa. Não suspeitei que fosse um carvão de calor ficticio, preparado á gosto, porque senti a quentura quando passou junto á mim, e queimou o assoalho quando escapou das mãos d'aquelle que o retinha. O homem tomou o carvão ardente ; pol-o na bocca e n'ella o guardou.

« Para mim é evidente que esses ferozes Aissaouas são verdadeiros convulsionarios mahometanos. No seculo passado houve convulsionarios em Paris. Os Aissaouas da rua Peletier seguramente fizeram essa curiosa descoberta do praser, da voluptia, e da êxtasis na mortificação corporea.

« Theophilo Gautier, com seu estylo inimitavel, discreveu os bailados dos convulsionarios Arabes. Eis o que elle disse no *Monitor* de 29 de Julho :

« O primeiro entremez dansante foi acompanhado por tres grandes bumbos e tres rabeções, tocando em tom menor uma cantata de nostalgica melancolia, sustentada por um d'esses rhythmos implacaveis que terminava por se apoderar de vós e dar-vos vertigem.

« Comparar-se-hia a uma alma queixosa que a fatalidade a força andar com passo cadente para um fim desconhecido mas que se presente dolorosa.

« Immediatamente uma bailarina levantou-se com o aspecto acabrunhado que têm as dansarinas orientaes, semelhante a morte que despertasse por um encanto magico, e por meio de imperceptiveis deslocamentos dos pés aproximou-se do scenario ; uma das companheiras juntou-se a ella, e começaram, pouco á pouco animando-se debaixo de cadencia, essas torções de quadris, essas ondulações de dorso, esses balançar de braços agitando lenços de seda, riscados de oiro e seda pantomima extensamente voluptuosa que constitue o fundo da dansa das bailadeiras. Levantar a perna para dar uma piroeta ou uma umbigada, aos olhos d'essas dansarinas seria o cumulo da indecencia.

« No fim, todo o bando pôz-se ao lado, e nós notámos, entre outras, uma bailadeira de feroz e barbara belleza vestida

« com *aiks* brancos e penteada com uma especie de rodilha circula-
« lada de cordinhas.

« As suas sobrancelhas juntavam-se por meio de riscos de
« tinta preta com a raiz do nariz, sua bocca vermelha como
« uma pimenta no centro da face pallida, davam-lhe um aspe-
« cto terrivel e ao mesmo tempo encantador ; porém o attrahi-
« mento principal ao saráo era a sessão dos Aissaouas ou disci-
« pulos de Aissa, aos quaes o mestre ligou o singular privilegio
« de devorar impunemente tudo o que se lhe apresente. »

« N'este ponto, para fazer comprehender a excentricidade
dos convulsionarios argelinos, prefiro a minha prosa simples e
sem arte, a phrasiologia elegante e sábia do mestre. Eis pois o
o que vi:

« Um Arabe chega ; deu-se-lhe, um pedaço de vidro para co-
mer! Toma-o, põe-no na bocca, e come-o todo ! . . . Durante al-
guns minutos ouvia-se seus dentes triturar o vidro. O sangue
apparecia na superficie dos labios tremulos . . . engole tritu-
rado o pedaço de vidro, todos dansam com força e genuflexões
ao som vibrante dos timbales.

« A este, segue-se outro Arabe que traz nas mãos galhos de
figueira da Barbaria, cactus de compridos espinhos. Cada aspe-
resa da folha estava cheia de pontas agudas. O Arabe comeo
essa folha picante, como nós comeríamos salada de alface ou
de chicorea.

« Quando a folha mortifera do cactus foi absorvida, che-
gou um Arabe trazendo nas mãos uma lança. Fez do olho direi-
to ponto de apoio e recitando versetos sagrados que seria bom
conhecel-os os nossos oculistas . . . e fez saltar o olho inteira-
mente de sua orbita ! . . . Todos os assistentes repentinamente
deram um grito de terror !

« Depois veio um homem que amarrou o corpo com uma
corda . . . vinte homens a esticavam ; elle luta, sente a corda
entrar em suas carnes ; ri e canta durante essa agonia.

« Eis outro enegrumeno diante do qual se collocou um sabre
turco. Passei o dedo sobre a lamina fina e cortante como a de
uma navalha. O homem despio-se até a cintura, mostrou o ven-
tre nú e deitou-se sobre a lamina ; puxaram-na, porém o ferro
damasco respeitou a epiderma ; o Arabe triumphou do aço
afiado.

« Passo em silencio os Aissaouas que comem fogo, que col-
locam os pés em um braseiro ardente. Fui vêr o braseiro e at-
testo que era ardente e composto de carvão em combustão.
Igualmente examinei a bocca dos chamados comedores de fogo.

Os dentes estavam queimados, as gengivas calcinadas, a abobada palatina parecia endurecida. Era realmente fogo, todas as brasas que elles comeram com damnadas contorsões procurando aclimarem-se no inferno. que passa por um paiz quente.

« O que muito me impressionou, n'essa estranha exhibição dos convulsionarios da rua Peletier, foi o comedor de cobras. Figurai um homem abrindo uma alcofa. Dez cobras com as cabeças ameaçadoras sahiram d'ella assobiando. O Arabe amimou as cobras, alisou-as, enrolou-as em torno do pescoço nú. Depois escolheu a mais grossa, a mais esperta, com os dentes morde-a e a faz acoutar o ár com a cauda. O reptil torcendo-se nas angustias da dôr, raivosa apresenta a cabeça ao Arabe que colloca a propria lingua no dardo da serpente; e repentinamente, com uma dentada córta a cabeça da cobra e a come. Ouvia-se ranger o corpo do reptil debaixo dos dentes do selvagem, que mostrava por entre os labios o corpo ensanguentado do monstro decapitado.

« Durante esse tempo, a musica melancolica dos timbales continuou o rhythmo sagrado. E, o devorador de serpentes foi cahir atordido aos pés dos mysticos cantores. Até a ultima semana experimentaram esses exercicios com as cobras d'Algeria, que poderiam estar domesticadas; porém as cobras da Algeria acabaram-se. Hoje começaram com as cobras de Fontainebleau; o Argelino parecia um tanto desconfiado com os nossos reptis nacionaes.

« Passar pelo fogo, supportal-o nas extremidades... na sola dos pés e palmas das mãos... mas engolir vidro e comer cobras! ... são phenomenos inexplicaveis.

« Outr'ora presenciámos nos arredores de Blidah, diz T. Gautier, essas scenas em um sabbado á noite, cuja lembrança nos arrepiava ainda. Os Aissauoas, depois de se terem excitado por meio da musica, pelo vapor dos perfumes, e por um balançar selvagem semelhante ao da besta feróz agitando as crinas, mastigaram folhas de cactus, carvões ardentes, lamberam laminas de ferro envermelhecidas pelo fogo, engoliram vidro triturado com os dentes, atravessaram as linguas e as bochechas com dardos, fizeram saltar os olhos das orbitas, andaram por cima de uma afiada espada de damasco; um d'elles comprimido por uma corda esticada por oito homens parecia cortado pelo meio; tudo isso não os impedia de, apenas terminado os exercicios, virem comprimentar-nos.»

« Das medonhas torturas não ficavam o minimo signal.

« Alguem mais sábio do que nós explique o prodigio, por
« nossa parte renunciaremos. »

« Sou da opinião do meu illustre collega e venerando superior na arte de escrever, tão difficil como a de engolir serpentes. Não busco explicar essas maravilhas; porém é de meu dever como chronista não as deixar passar em silencio. »

Relatando esses factos temos tanto mais satisfação por conhecermos quem os assistio n'aquella época em Paris. E' um illustrado medico, nosso patricio, o Dr. Feijó.

Foram factos esses testemunhados por milhares de pessoas, que examinaram se os estiletos atravessavam a carne, se era fogo real, se eram cobras, etc. Não descobriram, nem podiam descobrir, serem victimas de uma mystificação, pois esses factos não pertencem a ordem dos que com destreza pódem ser executados. São verdadeiros phenomenos physiologicos que desconcertam as noções mais vulgares da sciencia conhecida; mas como quer que seja, a sua causa deve ser natural. O que mais nos deve causar assombro é esses factos não terem despertado a curiosidade dos homens da sciencia. Certamente, elles não foram observados só pelo nosso illustrado patricio; portanto podemos com a mais ampla franqueza fazer a interrogação seguinte: Como é que esses sabios que gastam a vida na investigação das leis da vitalidade, permanecem indifferentes em presença de factos taes sem buscarem indagar a causa? Dizerem simplesmente, são factos produzidos por convulsionarios semelhantes aos do seculo passado, não os dispensam de uma explicação positiva.

Se as simples narrações historicas não vos poderam guiar, hoje que os mesmos phenomenos se reproduzem, dizei-nos o que são os convulsionarios; explicai-nos esses factos pelas leis physiologicas que conheceis. Não o podeis fazer; portanto, sois forçados a admittir que uma lei que vos é desconhecida preside a essa ordem de factos ou que uma acção natural activando ou modificando instantaneamente as leis que conheceis produzem phenomenos assombrosos.

Milagres não são; porque Deus não deroga as suas leis, que são eternas e immutaveis, por circumstancia alguma e muito menos para satisfazer a fantasia d'essa nossa atrazada humanidade.

Serão artes diabolicas por ventura? Tambem não; porque, Satanaz como querem que exista é um mytho estúpido.

A sciencia espirita dá explicação a esses factos como havemos de vêr no correr d'esta publicação.

Os mediums.

Sendo a mediumnidade uma faculdade, convém fazel-a conhecer aos que se entregam ao estudo do espiritismo, e como essa faculdade é varia resulta d'ahi a variedade de mediums das quaes vamos tratar para sciencia do leitor. O trabalho nosso tem sido e continuará, durante alguns numeros d'esta *Revista*, a ser em grande parte material; não devemos marchar de outra fórma pelo motivo já expendido no nosso primeiro numero. Oxalá tivessemos todos os livros fundamentaes em nossa lingua; mais trabalho teriamos, porém mais espaço restaria n'estas paginas para os assumptos transcendentales da philosophia espirita.

As variedades principaes de mediums são: os *mediums de effeitos physicos*; os *mediums sensitivos ou impressionaveis*; *mediums fallantes*; *mediums videntes*; *mediums somnambulos*; *mediums curadores*; *mediums pneumatographos*; *mediums escreventes ou psychographos*.

Tomemos, pois, cada um d'estes instrumentos em particular e recorrendo ao Livro dos Mediums extratemos o que nos diz o mestre.

Mediums de effeitos physicos são os especialmente aptos para produzir phenomenos materias, taes como movimento dos corpos inertes, ruídos, etc. Póde-se os dividir em *mediums facultativos* e *mediums involuntarios*.

Os *mediums facultativos* são que têm consciencia do seu poder e produzem os phenomenos espiritas pelo acto de sua vontade. A faculdade medianimica é inherente a especie humana, porém nem todos a tem no mesmo gráo, e se ha individuos e estes raros que o não tem d'esta ou d'aquella fórma, mais raros são os que a possuem a ponto de produzir grandes effeitos, taes como a suspensão dos corpos pesados no espaço, a transladação aérea, e principalmente as aparições. Os effeitos mais communs são, a rotação de um objecto, meza, cadeira etc., pancadas dadas com estes objectos no solo, ou na propria substancia d'esses moveis.

Sem devermos ligar grande importancia a esses effeitos, com tudo não os devemos desprezar, porque dão logar a observações interessantes e servem para convencer a muitas pessoas. Em geral a faculdade de produzir effeitos physicos é encontrada nas pessoas que não possuem meios mais perfectos de se communicar com os Espiritos, taes como a escripta e a palavra. Muitas vezes

a faculdade medianimica diminue em um sentido e desenvolve-se em outro.

Mediums involuntarios ou *naturaes* são os que exercem influencia na producção dos phenomenos sem que tenha consciencia do seu poder, e muitas vezes os factos anomalos que se passam em torno d'elle não lhe parecem extraordinarios ; são factos como que inherentes á seu ser, como acontece nas pessoas dotadas da dupla vista e que d'ella não suspeitam.

Essa faculdade não é em si o resultado de um certo estado pathologico, como querem alguns que não conhecem a sciencia espirita, porque não é incompativel com a mais perfeita saude. Se alguns que a possuem são doentes, resulta isso de causa estranha ; portanto os meios therapeuticos são impotentes para fazel-a desapparecer. Em certos casos, porém, ella póde ser consecutiva de um certo estado de fraqueza organica, mas nunca causa efficiente. Por causa d'ella não se póde por fórma alguma recear debaixo do ponto de vista hygienico ; salvo fazendo abuso, porque n'esse caso, aconteceria o mesmo que acontece ao medium inconsciente ; haveria grande emissão de fluido vital, e conseguintemente enfraquecimento dos orgãos.

A razão se revolta com a idéa das torturas moraes e corporeas a que a sciencia algumas vezes submetteu seres fracos e delicados para se assegurar de haver ou não embuste do porte d'elles ; essas *experiencias* o mais das vezes feitas com maledicencia são sempre prejudiciaes aos organismos sensitivos, podendo resultar d'ellas graves desordens na economia dos que as soffrem ; fazer experiencias taes é folgar com a existencia corporea. O observador de bôa fé não tem necessidade de taes meios ; os que estão familiarisados com esses phenomenos sabem, que elles pertencem mais a ordem moral do que a ordem physica, e que debalde procurar-se-ha a solução nas nossas sciencias exactas.

Por isso mesmo que esses phenomenos prendem-se a ordem moral, deve-se evitar com escrupuloso cuidado tudo quanto possa superexcitar a imaginação. Conhece-se os accidentes que podem occasionar o medo, e menos imprudencias se commetteria se fossem bem conhecidos todos os casos de loucura e de epilepsia, porque não poucos tiveram origem pelos sustos causados pelos contos as creanças dos *lobishomens*, dos *diabos*, etc. Os que fazem acreditar em taes idéas não sabem quanta responsabilidade assumem : *podem matar*. O perigo não é só para um individuo, porém tambem para os que o cercam, que podem se assombrar com o pensamento de ter sua casa se tornado

um cuvil de demonios. Essa crença concorreu para *muitas* atrocidades serem commettidas nos tempos da ignorancia. Entretanto, com um pouco mais de discernimento, deveriam ter pensado que queimando o corpo dos julgados possessos, não se queimava o diabo. Se ha desejo de se descartarem do diabo, matem-no. A doutrina espirita esclarecendo-nos sobre a verdadeira causa d'esses phenomenos esmaga o diabo. Em lugar de entreter o pensamento com a idéa do diabo deve-se pela moral e por amor da humanidade combatel-a aonde quer que ella exista.

O que se deve fazer quando uma faculdade semelhante se desenvolve espontaneamente em um individuo, é deixar o phenomeno seguir seu curso natural : a natureza é mais prudente que os homens ; demais a Providencia tem suas vistas, e a cousa mais mesquinha pôde ser o instrumento dos maiores desígnios. E' preciso convir que algumas vezes o phenomeno toma proporções fatigantes e importunas para todos (*). Diremos o que se deverá fazer em casos taes.

Os seres invisiveis que se revelam por taes effeitos, são geralmente Espiritos de ordem inferior que se consegue dominar pela ascendencia moral ; é essa ascendencia que é preciso adquirir.

Para obter essa ascendencia é necessario tornar o individuo *medium natural* em *medium facultativo*. Produz-se um effeito analogo ao que tem logar no somnambulismo. Sabe-se que o somnambulismo natural cessa quando é substituido pelo somnambulismo magnetico. Não se faz parar a faculdade emancipadora d'alma, dá-se-lhe outro curso. O mesmo acontece com a faculdade medianimica. Assim, em lugar de embaraçar a manifestação do phenomeno, o que rarissimas vezes se consegue e o que nem sempre deixa de ser perigoso, é necessario excitar o medium á produzil-os pela vontade impondo-se ao Espirito ; por

(*) Um dos factos d'essa natureza mais extraordinarios, pela variedade e singularidade dos phenomenos, e em contradicção é o que se deu em 1852, no Palatinado (Baviera rhenana) em Bergzabern proximo de Wissembourg. E' tanto mais notavel por ter quasi que reunido no lar do mesmo individuo todos os generos de manifestações espontaneas : estrepito a ponto de fazer estremecer a casa, desarrumação dos moveis, objectos atirados ao longe por mão invisivel, visões, aparições, somnambulismo, êxtasis, catalepsias, attracção electrica, gritos e sons aereos, instrumentos tocando sem que houvesse contacto, communicações intelligentes, etc.; não é de pouca importancia, a comprovação d'esses factos que duraram dois annos e testemunhados por innumeradas pessoas dignas de fé pelo saber e posição social. A narração autentica foi publicada na época em muitos jornaes allemães, e principalmente em uma brochura. Acha-se a traducção d'essa brochura na *Revista Espirita* de Paris de 1858.

esse meio consegue-se subordinal-o, transformando-o de dominador algumas vezes tyrannico em dominado docil quasi sempre. Um facto digno de nota, e confirmado pela experiencia, é o da autoridade que uma creança muitas vezes exerce impondo-se com tanta ou mais vantagem do que um adulto. Esse facto vem em apoio do principio da reencarnação. A creança, n'esse caso, tem o Espirito mais adiantado proveniente de desenvolvimento anterior, é isso que lhe dá ascendencia sobre os Espiritos inferiores.

A moralisação do Espirito pelos conselhos de uma terceira pessoa que esteja na altura de fazel-a, é quasi sempre meio efficaz para o desaparecimento d'essas incommodas manifestações.

Certas pessoas, dotadas de uma certa dose de electricidade natural, parecem pertencer a cathegoria dos mediums, verdadeiros *torpedos humanos* produzem pelo simples contacto todos os effeitos d'attracção e repulsão. Entretanto, é erro tomal-os por *mediums*, porque a verdadeira mediumnidade suppõe a intervenção directa de um Espirito; ora, experiencias concludentes têm provado que, a electricidade é o unico agente d'esses phenomenos produzidos por essas pessoas. Essa faculdade bizarra, que se poderia chamar quasi que uma enfermidade, póde-se algumas vezes alhear a mediumnidade, como teve logar nas manifestações do *Espirito batedor de Bergzaben*; porém quasi sempre é completamente independente. N'essas condições, podemos differençar se ha ou não intervenção de um Espirito, porque sabemos que, sempre que ha tal intervenção o caracter distinctivo das manifestações é a intelligencia; portanto, faltando esse caracter, ha todo fundamento em se attribuir esse phenomeno a uma causa puramente physica. E' uma questão á resolver-se a de saber se *as pessoas electricas* possuem maior aptidão para ser *mediums de effeitos physicos*; pensamos que sim, porém só a experiencia nos póde dar certeza.

Mediums sensitivos ou impressivos. Chamam-se assim as pessoas susceptiveis em sentir a presença dos Espiritos por uma vaga impressão, uma sorte de toque leve por todos os membros que não podem explicar. E' uma variedade cujo caracter não está bem descriminado; todos os mediums necessariamente são impressivos, a impressionabilidade é antes uma qualidade geral do que especial; é faculdade rudimentaria indispensavel para o desenvolvimento de todas as outras; differe da impressionabilidade puramente physica e nervosa, com a qual não ha necessidade de confundir-se, porque ha pessoas que não

são nervosas e que sentem mais ou menos o effeito da presença dos Espiritos, e outras muito nervosas que completamente não sentem o mesmo effeito.

Essa faculdade desenvolve-se pelo habito, e póde adquirir, tal subtileza que o dotado d'ella reconhece pela impressão que sente a natureza bôa ou má do Espirito que se acha á seu lado, bem como a individualidade d'este, assim como o cégo reconhece por um certo não sei o que a aproximação d'esta ou d'aquella pessoa; torna-se uma verdadeira sensitiva em relação aos Espiritos. Um bom Espirito sempre produz uma impressão meiga e agradável; um máo Espirito produz impressão anciosa e desagradável.

Mediums auditivos, são os que ouvem a voz dos Espiritos; algumas vezes a voz parece ser no seu interior; outras vezes a voz é exterior, clara e distincta como a de uma pessoa viva. (Veja *Revista de Janeiro. Vocabulario Espirita. Pneumatophonia*).

Os mediums auditivos podem entrar em conversação com os Espiritos. Quando estão habituados á se communicarem com um Espirito, immediatamente o reconhece pela voz. Não se tendo essa faculdade para directamente conversar com os Espiritos, recorre-se a um medium auditivo que n'esse caso fará o papel de interprete.

Essa faculdade é muito agradável, quando o medium só ouve á voz dos bons Espiritos ou a dos que chama; porém muito incommoda, quando um máo Espirito obstina-se fazendo-o ouvir cousas desagradáveis, e o mais das vezes inconvenientes, n'esse caso o medium necessita desembaraçar-se de tão incommodo companheiro, e o meio a empregar será dado quando tratarmos das *obsedações*.

Mediums fallantes. Os mediums auditivos que apenas transmitem o que ouvem não são rigorosamente *mediums fallantes*; estes muitas vezes nada ouvem; n'estes o Espirito actua sobre os órgãos da palavra, é o aparelho phonetico posto em movimento, como é posta a mão do medium quando escreve, pela potencia invisivel. O Espirito querendo se communicar serve-se do órgão mais flexivel que encontra no medium; é por isso que um empresta a mão, outro o órgão da voz e outro o ouvido. O medium fallante exprime-se geralmente sem ter consciencia do que diz, e muitas vezes diz cousas completamente fóra das idéas habituaes de seus conhecimentos, mesmo da alçada de sua intelligencia. Ainda que esteja perfeitamente acordado e no estado normal, raras vezes conserva a lembrança do que diz; em summa, a palavra é o instrumento de que se serve o Espirito.

A passividade do medium fallante nem sempre é completa ; alguns ha que têm a intuição do que dizem no momento de pronunciar as palavras.

Mediums videntes. Os mediums videntes são os dotados da faculdade de ver os Espiritos. Alguns ha que gozam d'essa faculdade no estado normal, quando estão acordados perfeitamente e conservam lembrança exacta ; outros só a tem quando no estado somnambulico ou visinho do somnambulismo. Essa faculdade é raras vezes permanente; é quasi sempre effeito de uma crise momentanea e passageira. Póde-se collocar na cathegoria de mediums videntes todas as pessoas dotadas da segunda vista. A possibilidade de ver em sonhos os Espiritos provém sem contradicção de uma especie de mediumnidade; porém não constitue, rigorosamente fallando, o medium vidente.

O medium vidente acredita enxergar pelos olhos, como os que possuem a dupla vista; pórem, realmente é a alma que vê, e é por essa razão que, elle enxerga tanto com os olhos abertos como fechados ; d'onde resulta um cego poder enxergar os Espiritos.

(Continúa.)

ERRATAS DO N. 2

Pag. 41, linha 20.... plilosophicos.... lêa-se : « philosophicos....

Pag. 44, linha 35.... superfula.... lêa-se : « superflua....

Pag. 45, linha 18.... coriosas.... lêa-se « curiosas....

Pag. 58, linha 21.... não o.... lêa-se : « não os....
